

## **Novas Propostas Missionárias — um Desafio Constante**

**Rui Bernhard e  
Harald Malschitzky**

A partir dos anos 80 a IECLB começa a preocupar-se cada vez mais com o tipo de pastorado praticado na Igreja. Até então sempre era procedimento normal que novos pastorados só podiam ser criados quando se tratava de acompanhar os membros na migração, quando estes se uniam, formando comunidade, ou quando existia uma estrutura sólida que garantisse o êxito do novo campo de trabalho. Em outras palavras: seguia-se um modelo que pressupunha primeiro a existência de uma estrutura que garantisse a viabilidade do campo de trabalho.

Olhando um pouco mais para trás na história, pode-se constatar que já desde os anos 70 a IECLB iniciava uma nova fase na sua preocupação missionária, quando se tornou evidente o esforço da Igreja de sair de seus próprios muros. A realidade brasileira era um desafio que não podia mais ser ignorado. Era, pois, a consequência prática do momento histórico em que a Federação Sinodal se tornava a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. E, impulsionados pelos desafios da própria realidade brasileira, foram sendo lentamente questionados os modelos de trabalho missionário e diaconal que se preocupavam em demasia com a própria comunidade.

Consequência deste momento foi a percepção de que deveria haver abertura para novas propostas de atuação missionária. Foi assim que iniciaram os “pastorados especiais”, que procuravam estruturar um trabalho missionário a partir da necessidade e da realidade social na qual estava inserida a Igreja.

Deve-se dizer que foi um processo muito doloroso para as assim chamadas comunidades tradicionais, que procuravam manter a qualquer custo o modelo de comunidade em vigor, e que era mais fácil. Mas o processo não pôde ser mais parado.

Hoje somos uma Igreja composta de aproximadamente 350 paróquias, 2.500 comunidades e pontos de pregação e 450 pastorados. Dentro deste quadro podemos detectar várias correntes teológicas que foram se fortalecendo, na procura por uma renovação da Igreja a partir de novas propostas de prática missionária. Mesmo que 160 novos campos de trabalho tenham sido criados nos últimos 10 anos, só 30 representam propostas novas que visam uma nova prática missionária.

Mesmo que motivados por prioridades como “Unidade na Pluralidade”, não conseguimos transformar fundamentalmente a IECLB, podemos

apontar para alguns sinais concretos que apontam para uma Igreja que está descobrindo o seu novo jeito de ser Igreja, que está assumindo o seu papel na sociedade na qual faz parte. Neste sentido, podemos citar alguns exemplos, descrevendo alguns projetos que receberam maior ênfase nos últimos anos:

### **Missão entre os Índios**

Desde os anos 60, obreiros e comunidades da IECLB já entenderam que a causa indígena é um assunto de responsabilidade da Igreja. Os esquecidos e marginalizados pela sociedade não são mais apenas seres inferiores, como até então eram considerados por muitos luteranos, mas começam a ser tratados como iguais. E por isso tem início o trabalho missionário entre os povos indígenas em Tenente Portela.

Desde o início é um trabalho difícil, que não encontra o amparo das comunidades. Mesmo os corajosos que ousam colocar os primeiros sinais de solidariedade para com estes povos, são muito limitados na sua compreensão da cultura destes povos. Apesar disto, é um passo importante que motiva outras pessoas a dar passos mais arrojados e seguir adiante no espírito de que devemos “fazer-nos fracos para os fracos, com o fim de ganhar os fracos” (1 Co 10.22), a fim de ser para eles voz, ser força e ser irmão.

O resultado disto é que hoje a IECLB está atuando em 8 campos de trabalho na missão entre os povos indígenas. São 10 obreiros/as que se dedicam com amor a esta causa. Mesmo que ainda não seja um trabalho reconhecido e assumido pelas comunidades, pode-se dizer com alegria que é um trabalho que cresceu e continua crescendo em importância como proposta missionária da IECLB. E, ao aproximar-nos do ano em que muitos querem esconder os horrores cometidos justamente com estes povos com festejos pomposos que não espelham toda a verdade, precisamos mais do que nunca fazer ouvir o clamor destes povos que clamam por justiça e que querem ver seus direitos atendidos na sua autodeterminação.

### **Pastoral Popular Luterana e o Apoio aos Movimentos Populares**

Foi com muita dedicação e coragem que obreiros/as da IECLB desde os anos 70 entenderam que o trabalho missionário de uma Igreja vai além das fronteiras da Comunidade constituída. Que esta não tem o seu fim e sentido em si mesma. Mas que a fé no senhorio de Jesus Cristo nos desafia a transpor as fronteiras que se colocam entre pessoas e que impedem que a verdadeira paz seja alcançada através da justiça.

Temas como “Paz por Justiça” muito contribuíram para que pessoas e comunidades iniciassem uma nova caminhada, que valoriza o ser humano e que procura lutar por sua dignidade. Muitas vezes foram justamente

jovens e leigos que impulsionavam a Igreja a sair de si mesma para que ou-  
sasse dar passos mais corajosos e comprometidos com o Evangelho.

Obreiros/as, grupos e comunidades ousaram acompanhar a proposta  
e; conseqüentemente, fortalecer o movimento que deu uma nova dimensão  
do ser Igreja missionária na realidade brasileira.

### **Movimento Encontro**

A presença de pastores americanos vindos nos anos 60 ao Brasil trou-  
xe consigo uma nova proposta missionária. A preocupação por uma espiri-  
tualidade comprometida com Deus valorizou a conversão pessoal. Em con-  
seqüência muitas pessoas começaram a refletir mais a fundo sobre a manei-  
ra de ser Igreja de Jesus Cristo e, conseqüentemente, muitos leigos começa-  
ram a engajar-se mais no trabalho missionário e no compromisso para com  
a Igreja de Jesus Cristo.

Este trabalho levou ao avivamento de grupos e comunidades da IECLB  
que começaram a ter uma relação diferente com a sua Igreja. Sentiram-se  
responsáveis pelo trabalho missionário, assumindo funções que antes eram  
assumidas apenas pelos pastores. Fruto disto é o Projeto Missão Zero em  
Três Lagoas, onde um pequeno grupo de leigos junto com a família de um  
pastor estão colocando em prática uma proposta missionária que visa atin-  
gir pessoas sem rumo, para construir comunidade a partir do zero.

### **Acampamentos Repartir Juntos**

O trabalho entre os jovens na IECLB sempre teve as suas dificuldades  
e nem sempre encontrou o respaldo de sua Igreja. Também a maioria das  
comunidades não encarava este trabalho como uma prioridade. Por isto  
houve a iniciativa do Acampamento Repartir Juntos (ARJ) que tentou ir  
ao encontro dos anseios jovens. Foi uma iniciativa que tentou atender o jo-  
vem na sua realidade, em seus anseios: na sua procura por lazer houve a  
tentativa de ir ao seu encontro com conteúdo que o desafiasse a assumir o  
seu papel dentro da sociedade.

O ARJ não quis substituir ou neutralizar o trabalho que estava sendo  
realizado na base, mas quis somar e contribuir para o aperfeiçoamento des-  
te trabalho, dando-lhe novos impulsos. Muitas pessoas ainda hoje carregam  
consigo e no seu engajamento no trabalho da Igreja a marca desta caminha-  
da que continua.

## Pastorados Especiais

Bem antes do tema “Terra de Deus, Terra para Todos”, a preocupação pelo pequeno agricultor desafiava a Igreja, que não podia mais contentar-se em ser um mero expectador da migração do homem do campo para a cidade, por causa do total abandono em que se encontrava. Já em 1970 comunidades pensavam seriamente em colocar um engenheiro-agrônomo no lugar de um terceiro pastor. Mas, infelizmente, a mentalidade de que isto não é assunto da Igreja prevaleceu, o que somente retardou o processo irreversível da criação de um CAPA — Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, que hoje desempenha papel de tamanha importância para a IECLB.

Pastorados junto aos sem-terra, junto aos atingidos por futuras barragens, são apenas conseqüências naturais deste processo e que hoje cumprem a sua tarefa tão importante na atuação missionária da IECLB.

### IECLB — uma Igreja na Migração

Esta é uma característica que sempre acompanhou a IECLB em toda sua história. Até hoje sempre conseguimos acompanhar os membros que foram se deslocando rumo ao Norte do Brasil. Chegamos nos últimos limites geográficos. Ao mesmo tempo, chegamos no limite de nossas forças e precisamos perguntar-nos como seguir adiante.

Como fazer frente aos vários desafios missionários nas metrópoles, onde as nossas comunidades estão encurraladas no centro, sem saber como dar o passo adiante? Chegamos num ponto onde precisamos repensar nossa caminhada. Esta é a questão que deve ocupar-nos, se queremos ser Igreja missionária rumo ao ano 2000.

### Em busca de Prioridades e Metas Missionárias

O tema *missão* já constou na ordem do dia em diversos segmentos, encontros, concílios e reuniões no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Ainda que, ao que se pode constatar, entre outros também à mão de projetos desenvolvidos, as comunidades e, por extensão, a Igreja como um todo estejam muito mais preocupadas consigo mesmas e com seus problemas “domésticos”, é inegável que a pergunta pela missão não ficou de fora das reflexões e discussões. Seguramente se pode afirmar que a missão é tida e sempre era tida como parte da essência do ser Igreja, e não como uma possibilidade entre outras de a Igreja atuar. De fato a dificuldade está em outro lugar. Se, por um lado, se tem por acertado que a missão é parte essencial e inerente ao próprio ser da Igreja que se nutre do

evangelho, por outro fica evidente que se esbarra em todo tipo de dificuldades quando se trata de estabelecer metas e prioridades missionárias. A elaboração de propostas missionárias e a tentativa de sua concretização quase sempre têm ficado por conta de pessoas, grupos ou movimentos que se colocam metas bem determinadas a serem alcançadas. Este fato não significa necessariamente que estas propostas e estes projetos já sejam a última palavra no terreno da missão, mas ele serviu para abrir brechas nos muros e cercas que contornam e com os quais, tantas vezes, tentamos proteger as comunidades do “mundo-lá-de-fora”.

O ano de 1992 está sendo visto como um marco tanto de júbilo como de penitência e até de protestos. Para a Igreja, não resta dúvida, é motivo de reflexão sobre a sua tarefa, sobre a sua compreensão e a sua prática missionária. Seria fácil e barato demais demonstrar — como em boa parte demonstrado está — que a Igreja veio aliada ao poder e que ela confundiu amiúde a missão com o poder dos conquistadores, a vida proclamada pelo evangelho com a morte provocada pelos invasores, a aplicação pura e simples do rito batismal com o número de pessoas convertidas. Por outro lado seria simplismo deduzir daí que todos os europeus que vieram para cá merecem um lugar no banco dos réus. Ismaier Tressmann, um dos pastores da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil que atua junto a povos indígenas e comunidades ditas tradicionais da Igreja, mostra com muita propriedade que tanto os índios quanto os pequenos agricultores, cujos antepassados vieram da Alemanha, e que até hoje mantêm muito de seus costumes e tradições, são vítimas de exploração e opressão de todo tipo. Este fato, ao menos até aqui, não tem levado a que ambos se unam por uma causa comum<sup>1</sup>.

Uma das dimensões mais marcantes da missão é que ela desafia constantemente a Igreja — o que inclui todos os seus membros — a sair de si mesma, a ultrapassar os seus próprios muros, a ir em direção daqueles que não fazem parte do rol de membros e nem pertencem a círculos de relações destes. Com isso não se quer dizer que a congregação, que a comunidade cristã, seja supérflua. O Novo Testamento mostra que o fruto da missão é a criação de congregações que se reúnem para a celebração. O que é preciso ter em conta é que existem e devem existir muitas formas de ser comunidade e de celebrar. Neste particular residem algumas dificuldades muito grandes, porque na nossa cabeça existe um modelo-padrão de comunidade e de celebração cültica e a tendência é absolutizar estas formas. As congregações, por sua vez e segundo o testemunho bíblico, são ponto de partida e instrumentos de missão. Nesta área parece que existe um dilema quando se trata de elaborar uma política de projetos. De um lado estão as comunidades que olham mais para si mesmas do que para fora, quase que numa postura narcisista, e por outro lado temos pessoas e grupos que preferem ignorar as congregações e tocar em frente como se elas não existissem.

A IECLB, no decorrer de sua história, tem recebido muito apoio fi-

nanceiro de igrejas irmãs ou entidades ligadas a igrejas em outros países. Muitas comunidades (confira acima), com sua infra-estrutura, existem graças a estas ajudas. Muitas delas, aliás, continuam sendo mantidas parcial ou totalmente através de muitos anos, porque consideradas áreas missionárias ou áreas carentes.

Uma revisão serena e livre de qualquer paixão leva à constatação de que muitos projetos implantados com muito dinheiro não servem tanto à missão da Igreja, mas muito mais para demonstrar o poder de determinada comunidade. Exemplo disso são igrejas enormes que têm seus lugares ocupados somente duas ou três vezes por ano. Sem que isso tenha sido o objetivo, elas acabam sendo um empecilho no caminho da formação de núcleos e grupos em bairros e linhas ou povoados, sob a alegação de que aqueles que têm interesse e vontade procuram o caminho até à igreja central.

É preciso lembrar também que outros projetos, em seu momento histórico, faziam sentido para a missão da Igreja. Entretanto, o seu papel foi superado muito depressa pela forma de uma área determinada se desenvolver. Assim, por exemplo, a migração para o Noroeste do nosso país há vinte anos atrás foi vista de outra forma do que a vemos hoje. Isso determina uma revisão no tipo de projetos missionários que se pensam e elaboram para as mesmas áreas.

No decorrer do tempo pessoas dentro da IECLB bem como pessoas ligadas a entidades e igrejas que colocam dinheiro à disposição de projetos se detiveram na reflexão sobre o sentido, a necessidade e os objetivos que projetos devem ter para serem merecedores de financiamento. Bastaria alinhar todos os projetos e analisá-los cronologicamente para constatar as alterações de rumo que aconteceram. Se inicialmente a esmagadora maioria era destinada a congregações para as suas construções, hoje se pergunta pela função mais ampla de cada projeto e se procura apoiar propostas de trabalho que vão para além das quatro paredes das comunidades eclesiais. Em outras palavras, são projetos que procuram ser mais abrangentes porque têm como objetivo ir ao encontro de pessoas ou grupos, especialmente em situação difícil, independentemente de sua ligação eclesial. É preciso lembrar que esta guinada na direção de um grande número de projetos ainda não é a demonstração cabal de que somos uma Igreja com consciência missionária. Muito pelo contrário, justamente das bases comunitárias é que vêm muitas críticas. Da mesma forma é preciso admitir que também estes projetos não estão isentos do erro e do fracasso e nem tampouco de todas as características muito humanas que servem como atrapalho na caminhada missionária.

Embora o tema missão já tenha sido estudado e debatido muitas vezes em nossa Igreja, continuamos na busca de definições e de metas que façam jus à incumbência missionária que temos do próprio Senhor da Igreja. Assim, o Conselho Diretor da IECLB se deteve para o estudo do tema missão, ao final do qual se cristalizou, como proposta norteadora, que Igreja

missionária é “Igreja solidária:

com quem vive sem rumo — missão (Mt 28.18-20);

com quem chora — poimênica (Mt 5.4);

com quem tem fome e sede — diaconia (Mt 25.31-46);

com quem tem esperança — celebração (Mt 18.20).”<sup>2</sup>

Para 1992 há uma infinidade de programas previstos e planejados ao redor do mundo. Certamente seremos brindados com muitas análises e propostas. É de se desejar que o estudo dos temas não permaneça na esfera de especialistas, mas que de alguma forma ajude também nossas comunidades a uma reflexão crítica sobre si mesmas — criticar o passado costuma ser menos doloroso! — e uma procura por formas concretas de atender ao mandato missionário da Igreja. Certamente a partir daqui surgirão também novas pistas para elaboração de critérios para o planejamento e concretização missionários. Objetivo último de nossas comunidades e de nossos projetos deve ser a divulgação do Reino vindouro e a concretização de sinais que já antecipam este Reino bem como a celebração destes sinais.

## Notas

1 TRESSMANN, Ismaier. *Relatório de Atividades*. Espigão do Oeste/RO, 1991 (mimeografado).

2 BRAKEMEIER, Gottfried. Missão: Prioridade do Conselho Diretor nos próximos anos. *Boletim do Conselho Diretor*, n. 123, jul. 1991 (mimeografado).